

Revista de Literaturas Populares, año I, nº 1 (enero/junio de 2001);
año I, nº 2 (julio/diciembre de 2001); año II, nº 1 (enero/junio de
2002)

Carlos Nogueira

O surgimento de uma nova publicação no campo das literaturas marginais e marginalizadas, a *Revista de Literaturas Populares* (Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Nacional Autónoma de México), dirigida por Margit Frenk, legitimaria, só por si, esta apresentação em língua portuguesa e o interesse da comunidade científica lusa; mas os propósitos da revista, anunciados na apresentação do primeiro número, encerram, para os investigadores portugueses da especialidade, uma importante prerrogativa que reclama ainda mais a nossa solicitude. É que a *Revista de Literaturas Populares*, no espaço de encontro que materializa, não acolhe apenas os múltiplos aspectos da literatura popular mexicana, desde as épocas pré-hispânicas até à actualidade: “Dará también cabida a trabajos relacionados con los demás países del mundo hispánico y lusoparlante” (p. 3).

Nessa mesma apresentação, concisa e, em parte por isso mesmo, exemplar, porque desobrigada de dogmatismos académicos, o que não implica carecimento de rigor metodológico e conceptual, opera-se a definição do conceito de “literaturas populares”, através da desmontagem do sintagma nos dois sememas que o constituem. Se “literaturas” recobre qualquer manifestação artística de natureza oral ou escrita, “populares” compreende quer as realizações literárias folclóricas, portanto de valor patrimonial comunitário, viventes sobretudo no amplo fenómeno da oralidade literária, quer os proteiformes objectos impressos de vasta disseminação, quase sempre mais ou menos efémeros, pertencentes à chamada literatura de massas. Nos desígnios desta publicação periódica, organizada numa arquitectura tripartida —textos e documentos, comprometidos com rigorosos critérios de edição; estudos críticos, filológicos, históricos e etnográficos; e recensões—, cabem ainda artigos sobre autores e obras popularizantes, abordagens que combinem as fronteiras do literário com outros âmbitos da cultura popular (por intermédio dos quais se infere serem estas literaturas afinal mais do centro que das margens do social e do literário), bem como discussões de ordem teórica e metodológica. A *Revista* encontra-se receptiva apenas a textos redigidos em língua espanhola, ou acompanhados (na parte dedicada à produção literária, quando composta em línguas indígenas) de tradução para o espanhol.

Um dos desideratos de grande mérito desta revista consiste na atenção conferida aos binómios popular/culto e oral/escrito, que se esbatem ou se anulam tanto na criação popularizante como no produto literário popular submetido a uma maior ou menor tecnicização. Nem a oralidade literária nem

o que comumente se entende por popular formam categorias exclusivas dos povos a que chamamos primitivos ou de populações rurais afectas a um passado arcaico. Nesta fase ainda embrionária das modernas investigações consagradas às literaturas populares, orais, tradicionais, como às literaturas de inspiração oral (cujo conhecimento efectivo não é compatível com o acentuado défice de preparação, nessas matérias textuais, da maioria dos críticos que apenas se ocupam das literaturas já convertidas em monumentos clássicos ou das que aspiram a esse estatuto), não se tornou ainda em lugar-comum a insistência nesse postulado; postulado que, se é indiscutível para os estudiosos providentes deste universo desmedido, não o é, ou é-o em muito menor grau, para o leitor e para o estudioso menos especializados nesta área. Há que reconhecer que a sociedade profundamente tecnicizada não prescinde da oralidade artístico-literária em proporções surpreendentes, produzindo e consumindo literatura para e por meio da voz, da imagem e do ouvido. Maioritariamente, a literatura em geral e a poesia em particular provêm hoje das canções veiculadas pela televisão ou pela rádio, ou gravadas em discos destinados a uso privado, dos textos impressos em colectâneas de literatura oral ou de literatura para a infância e a juventude e dos romances e das novelas que os diversos meios de comunicação de massas disponibilizam em adaptações ou em produtos de base já pensados para esses canais mediáticos.

A nossa reacção mais imediata perante esta *Revista de Literaturas Populares* é a de que ela possa prosseguir com a regularidade e a densidade por que se pautam os três números já editados, prova fecunda do processo a um tempo de sedimentação e de recriação que sempre caracteriza o pensamento e a cultura, nas mais diversas acepções dessas palavras; e prova da nova geração de investigadores que, tutelados dinamicamente por elementos mais experientes, se incumbem da história e da teorização das literaturas que primeiro estetizam e questionam, mau grado o conservadorismo e a passividade que se lhes quer assacar, o quotidiano considerado mais trivial ou prosaico.